



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

VANESSA DE SALES JACINTO

**JOGOS DE ALFABETIZAÇÃO: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE PROFESSORAS  
DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

NATAL/RN  
2016

VANESSA DE SALES JACINTO

**JOGOS DE ALFABETIZAÇÃO: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE PROFESSORAS  
DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Artigo científico apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dra. Giane Bezerra Vieira

NATAL/RN

2016

**JOGOS DE ALFABETIZAÇÃO: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE PROFESSORAS  
DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

VANESSA DE SALES JACINTO

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado pelo (a) Aluno (a) Vanessa de Sales Jacinto, apresentado à coordenação do curso de pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio grande do Norte, em \_\_\_\_/\_\_\_\_/2016, sendo auferida a nota (\_\_\_\_\_) conforme avaliação do (a) professor (a) e a banca examinadora constituída pelos professores:

---

Profª. Dra. Giane Bezerra Vieira  
PRESIDENTE

---

Profª. Dra. Jacyene Melo de Oliveira Araújo  
1ª examinador

---

Prof. Dr. Francisco Cláudio Soares Júnior  
2º examinador

Aprovada em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

NATAL/RN  
2016

# JOGOS DE ALFABETIZAÇÃO: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE PROFESSORAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

VANESSA DE SALES JACINTO<sup>1</sup>  
ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DRA. GIANE BEZERRA VIEIRA<sup>2</sup>

## RESUMO

O referido artigo tem como objetivo investigar concepções de professoras sobre o trabalho com jogos no processo de alfabetização. Busca entender os benefícios que os jogos pedagógicos podem trazer para a criança em processo de alfabetização e o papel do professor como mediador da aprendizagem. Sendo assim, o presente trabalho buscou investigar as concepções e práticas de professoras atuantes nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental quanto ao trabalho com jogos de alfabetização, buscando analisar os significados e sentidos presentes nas suas falas. Para tanto, fizemos uma pesquisa exploratória, que se caracteriza pela aproximação inicial do pesquisador com o tema estudado, realizamos entrevistas semiestruturadas que permitem maior interação entre o entrevistador e os sujeitos participantes, bem como, aplicação de questionários com duas docentes que lecionam em escolas municipais da rede de ensino de Natal e Macaíba. Embasamos este estudo nas contribuições teóricas de Giane Vieira e Denise Lopes (2012), Carmi Santos e Márcia Mendonça (2007), Telma Leal, Ana Brandão, Andréia Ferreira e Eliana Albuquerque (2009), Telma Leal, Eliana Albuquerque e Arthur Morais (2007), Eliana Albuquerque e Telma Leal (2005), Magda Soares (2011), Arthur Morais, Eliana Albuquerque e Telma Leal (2005), Antonio Gil (2002). Compreendemos a alfabetização como um processo de apropriação do sistema de escrita alfabético, produção e compreensão de textos escritos de diversos gêneros e o letramento como o uso social da leitura e escrita. Os jogos de alfabetização são uma importante ferramenta de aprendizagem da língua pelo seu caráter lúdico e dinâmico, compreendido como um aliado indispensável no processo de alfabetização. Nas análises dos dados obtidos pela pesquisa, concluímos que as professoras pesquisadas compreendem os jogos de alfabetização como sendo importantes aliados para o aprendizado da linguagem oral e escrita, por seu caráter lúdico e dinâmico, capazes de tornar a aprendizagem significativa sem treinos enfadonhos e sem sentido. O discurso das professoras ratifica a importância dos jogos de alfabetização na prática pedagógica do professor alfabetizador, pois educa de forma prazerosa, contribuindo para a apropriação de diversas formas de linguagem.

Palavra-chave: Concepções de professoras; Jogos de alfabetização; Alfabetização e Letramento.

---

<sup>1</sup>Vanessa de Sales Jacinto, aluna concluinte do curso de graduação em Pedagogia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – E-mail: vanessa-sales2011@hotmail.com

<sup>2</sup>Professora Dra. Giane Bezerra Vieira - Professora Adjunta do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação, vinculado ao Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutora em Educação. Orientadora do trabalho – E-mail: gianebvieira@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

A alfabetização se constitui num elemento inerente à condição humana, uma vez que a aquisição da língua oral e escrita nos remete à possibilidade de participação social na qual nos tornamos seres no mundo. A aquisição da leitura e da escrita implica, portanto, uma questão de cidadania, ao tempo que se revela como uma forma de inclusão social, ao possibilitar-nos a capacidade criadora e o posicionamento crítico do mundo no qual estamos inseridos. Desse modo, a apropriação da língua oral e escrita amplia nossos horizontes, proporcionando-nos, sobretudo o acesso à informação e à produção do conhecimento. Nesse sentido, a alfabetização é um momento crucial, na formação do indivíduo e é a etapa mais importante do seu processo de escolarização.

Por muito tempo, o conceito de alfabetização foi entendido apenas como a ação mecânica de ensinar a codificação e decodificação da língua. Realçamos que, o ato de ler e escrever não se constitui como natural, mas revela-se como processo que ocorre a partir das interações sociais estabelecidas, em que é necessário um trabalho sistemático da escola para que a criança possa se apropriar desse conhecimento. A escola, enquanto agência por excelência de produção de conhecimentos desempenha um papel de fundamental importância no processo de aquisição da língua escrita, e, ao desenvolvê-la de forma sistematizada, atribui sentido ao aprendizado da leitura e da escrita.

A partir da década de 1980, começamos a enfrentar uma realidade social em que não basta simplesmente produzir textos e refletir sobre a base alfabética da língua: dos indivíduos se requer não apenas que dominem a tecnologia do ler e escrever, mas que saibam fazer uso dela, incorporando-a ao seu viver. A partir desse momento, o conceito de alfabetização passou a ser atrelado a outro termo: o letramento.

Deste modo, surgem outras percepções no que se refere à alfabetização, rompendo as barreiras do tradicionalismo, que restringe a alfabetização a mera codificação e decodificação dos símbolos linguísticos, dando ênfase a memorização e repetição de sílabas e palavras sem significado. O letramento surge não em substituição ao termo alfabetização, mas para complementá-lo e para a maioria dos estudiosos nessa área, eles são considerados indissociáveis.

Lopes e Vieira (2012, p.4) afirmam que:

A alfabetização é um processo específico de apropriação do sistema de escrita que envolve duas dimensões indissociáveis: Apropriação

do sistema de escrita alfabético – compreensão, pelo aprendiz, de como “funciona” a representação alfabética, da relação escrita/ língua oral; desenvolvimento de habilidades de produção (escrita) e compreensão (leitura) de textos escritos de diversos gêneros.

Nessa perspectiva, a escola passa a ter um papel de suma importância na formação de leitores e escritores competentes, cabe a ela possibilitar situações de interação, reflexão, criando momentos diversificados onde o aluno seja estimulado a ler e produzir diferentes textos. “ A escola precisa oferecer situações diárias de vivência de diferentes usos e funções da leitura de diferentes gêneros de texto.” (LOPES E VIEIRA, 2012, p.6 ).

Lopes e Vieira (2012) definem letramento como um processo de uso social da leitura e da escrita. Dessa forma, segundo as autoras citadas, o letramento não é um processo uniformizado para todas as pessoas e em qualquer situação; é um processo dinâmico em que o significado da ação letrada é continuamente construído pelos membros de uma determinada cultura. Por conseguinte, envolve mais do que usos individuais de leitura e escrita; envolve também os contextos comunicativos compartilhados, nos quais o significado do que se entende por ações letradas é definido de forma específica.

Nesse contexto, surgiu a expressão ‘alfabetizar letrando’ que se traduz, na prática pedagógica, em oferecer aos alunos oportunidades de análise e reflexão sobre a língua (sempre de forma contextualizada), que os levem à construção da base alfabética e, simultaneamente, a promover o seu contato com diferentes gêneros textuais, colocando-os em situações reais de leitura e escrita, mesmo antes que dominem a leitura e a escrita convencionais.

Assim, as mudanças que ocorreram com esses conceitos suscitaram o repensar do trabalho pedagógico ligado à alfabetização, de modo a possibilitar uma aprendizagem significativa orientada pela concepção de alfabetizar letrando. A partir dessa maneira de ver a alfabetização e o letramento, diversos recursos começaram a ser utilizados em sala de aula, a fim de promover um aprendizado que favoreça a formação do indivíduo em consonância com as práticas sociais. Dentre eles, estão os jogos de alfabetização, ferramentas muito comuns em sala de aula utilizadas para facilitar a aprendizagem da leitura e da escrita pelas crianças. Os jogos de alfabetização são artefatos lúdicos que permitem que as crianças aprendam brincando conceitos ligados à leitura, escrita, oralidade e produção textual.

Sabendo que os jogos estão presentes em diversas etapas da vida do indivíduo, e sua importância para o desenvolvimento humano, tal prática pode resguardar a história cultural da

humanidade, sendo um objeto facilitador da aprendizagem dos alunos. Além disso, os jogos são instrumentos que permitem ao professor a prática da alfabetização na perspectiva do letramento, pois articulam o ensino da base alfabética da escrita com as práticas culturais em que são criados e desenvolvidos.

Fundamentado na concepção que compreende o jogo como um aliado indispensável no processo de alfabetização, pois permite que o aluno reflita sobre o sistema de escrita alfabético, sem que seja necessária memorização, treinos enfadonhos e sem sentido, este trabalho torna-se relevante, pois aborda o potencial que os jogos têm para aprendizagem da língua, pelo seu caráter facilitador e pela possibilidade de desenvolvimento humano por meio da ludicidade. Nesse sentido, realizamos entrevistas com professoras alfabetizadoras, a fim de **investigar suas concepções e práticas sobre os jogos no processo de alfabetização**, já que são elas que acompanham diretamente esse processo junto às crianças, buscando diferentes recursos que ajudam a variar as estratégias didáticas capazes de promover um ensino lúdico e criativo.

A curiosidade sobre o tema deste artigo teve início quando vivenciamos no Curso de Pedagogia, na prática de Estágio não Obrigatório, situações onde o jogo era utilizado em sala de aula com objetivos diferentes, por vezes como mero passatempo, servindo apenas para suprir o tempo ocioso das crianças, sem nenhuma intervenção do educador. Em outros momentos, o jogo era tido como um recurso complementar, que ajudava na assimilação dos conteúdos estudados de forma a fixá-los mais facilmente, por fim ele também era utilizado como parte da aula, como uma atividade que permitia aos educandos lidarem com diferentes situações do cotidiano, como o trabalho coletivo, interação, expressão, regras, dentre outras. Diante disso, surgiram inquietações concernentes aos jogos no processo de alfabetização, mais precisamente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Desse modo, surgiram alguns questionamentos do tipo: como os jogos devem ser trabalhados na sala de aula? Que benefícios eles podem trazer para o processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita? Qual o papel do professor diante dessa ferramenta indispensável para o ensino da língua nos dias atuais? Como o professor concebe os jogos no processo de alfabetização das crianças?

Pensando nisso, o estudo foi realizado a partir dos relatos de professoras alfabetizadoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, referente as suas concepções sobre o trabalho com jogos de alfabetização.

A presente investigação é orientada sob os princípios da pesquisa Exploratória, que permite maior proximidade com o problema em estudo, permitindo o levantamento de dados a

partir de entrevistas com pessoas que tenham experiências práticas com o problema pesquisado.

No processo de construção de dados utilizamos o questionário, que busca levantar dados pessoais das professoras entrevistadas, seguido de entrevista dialogada, que teve como objetivo identificar as suas concepções inerentes ao trabalho com jogos na alfabetização. As entrevistas foram gravadas e transcritas literalmente, garantindo a legitimidade das respostas, que posteriormente, foram a base do nosso estudo,

A pesquisa teve a participação de duas professoras alfabetizadoras que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na rede pública de ensino, localizada na zona rural de Macaíba e na zona urbana da cidade do Natal. As professoras foram escolhidas segundo dois critérios previamente definidos: 1 - por atuarem na alfabetização de crianças nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; por aderirem ao processo de pesquisa. As entrevistadas lecionam em escolas diferentes e em turnos diferentes (matutino e vespertino). Nomes fictícios foram utilizados na identificação dos relatos que constam neste trabalho, garantindo assim, a preservação da identidade das entrevistadas.

Sabendo da importância da utilização de jogos na prática educativa, buscamos da teoria que aborda a temática em questão, para fundamentar e compreender sobre o processo de construção da aprendizagem a partir da utilização de jogos e começamos a ler e pesquisar trabalhos científicos que abordassem o assunto.

O estudo teve como fundamentação teórica as ideias apresentadas nos manuais didáticos produzidos pelo Ministério da educação, para formação continuada de professores que trabalham com a alfabetização, além das contribuições dos autores Lopes e Vieira (2012); Soares (1998) e (2011) e (2003); Santos (2009); Albuquerque (2005) e (2007) e (2009); Leal (2009) e (2005); Ferreira(2009); Brandão (2009) e Leite (2005) que facilitaram a compreensão da importância de trabalhar com jogos pedagógicos na alfabetização de crianças.

Este artigo é estruturado da seguinte maneira: além desta introdução, em que apresentamos o objeto de estudo, objetivos, referencial teórico e metodologia usada na pesquisa feita, no primeiro item refletimos sobre os conceitos de alfabetização, letramento e jogos de alfabetização, visando entender as características e particularidades de cada termo em estudo e a visão dos autores que fundamentam esse estudo. No segundo item, são feitos o delineamento da pesquisa, caracterização dos sujeitos, bem como a explicação dos instrumentos para construção de informações, análise e interpretação dos resultados. No



terceiro item, construímos as considerações finais, nas quais fazemos uma síntese dos resultados encontrados na pesquisa e respondemos as questões levantadas na introdução.

## **I. A ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E JOGOS DE ALFABETIZAÇÃO**

Historicamente, o termo alfabetização passou por mudanças em seu significado, por muito tempo ele foi entendido, como a capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em sons, e codificar esses sons, transformando em escrita. O aprendizado do sistema de escrita estava fadado ao domínio de correspondência entre grafema e fonema, ou seja, a decodificação e a codificação. Sendo assim, alfabetizar correspondia à ação de ensinar a ler e a escrever. No século XIX, a proposta de ensinar as habilidades de “codificação” e “decodificação” foi transportada para sala de aula, com ela vários métodos de padronização da leitura e da escrita foram criados, dentre eles o método sintético (sílaba por sílaba) e o analítico (global). Nessa perspectiva, era possível que as crianças aprendessem a ler bem as palavras, no entanto não compreendiam o que estavam lendo, o ensino enfatizava a repetição e memorização de letras, sílabas e palavras sem significados.

A partir da década de 1980, as críticas em relação ao método de ensino citado no parágrafo anterior foram emergindo, ocasionado insatisfação por parte de estudiosos do assunto. Era necessário repensar os métodos de ensino, de modo que a escola proporcionasse aos indivíduos atividades significativas de leitura e escrita.

Soares (2011, p. 16) afirma que:

Sem dúvida, a alfabetização é um processo de representação de fonemas em grafemas, e vice-versa, mas é também um processo de compreensão/ expressão de significados por meio do código escrito. Não se consideraria “alfabetizada” uma pessoa que fosse apenas capaz de decodificar símbolos visuais em símbolos sonoros, “lendo”, por exemplo, sílabas ou palavras isoladas, como também não se considera “alfabetizada” uma pessoa incapaz de, por exemplo, usar adequadamente o sistema ortográfico de sua língua, ao expressar-se por escrito.

Compreendemos com base na citação de Soares (2011) que o conceito de alfabetização é bastante complexo e envolve processos de compreensão da base alfabética da escrita. A alfabetização é um processo multifacetado que abarca dimensões sociais, linguísticas, psicológicas e pedagógicas. No entanto, apesar do reconhecimento da sua complexidade, surge na década de 1980 um novo termo: o letramento, palavra de origem

inglesa literacy que significa o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e a escrever. Albuquerque, Leal e Morais (2007) ressaltam que o termo letramento não substitui a palavra alfabetização, mas aparece associada a ela, sendo assim, espera-se que nas práticas sociais de ensino a alfabetização esteja indissociada do letramento, embora sejam duas ações distintas, devem ser trabalhadas em consonância, para que o aluno seja capaz de fazer uso das habilidades de ler e escrever em sua prática social. Segundo Soares (1998, p.47) alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.

Diante da proposta de alfabetizar letrando, a escola passa a assumir o papel de oportunizar aos educandos atividades que permitam a interação e reflexão sobre o sistema de escrita alfabético. Para isso Santos e Albuquerque (2007) esclarecem que alfabetizar letrando é, portanto, oportunizar situações de aprendizado da língua escrita nas quais o aprendiz tenha acesso aos textos e a situações sociais de uso deles, mas que seja levado a construir a compreensão acerca do funcionamento do sistema de escrita alfabético.

Nesse processo, o professor atua como mediador, oportunizando aos alunos atividades que visam à compreensão de diferentes textos, e suas funções no meio social, ou seja, torna-se insuficiente para o educando saber identificar a que gênero o texto se refere, é imprescindível que ele seja capaz de entender a funcionalidade do texto no contexto social que está inserido. De acordo com Santos e Albuquerque (2007, p. 96):

É fundamental levar os alunos a apropriarem-se do sistema alfabético ao mesmo tempo em que desenvolvem a capacidade de fazer uso da leitura e da escrita de forma competente e autônoma, tendo como referência práticas autênticas de uso dos diversos tipos de material escrito presentes na sociedade.

Mas afinal, que práticas reais de leitura e produção de textos é possível desenvolver em sala de aula? O que o professor pode fazer para que o aluno se aproprie do sistema de escrita alfabético, sendo capaz de fazer uso dessa aprendizagem no meio social em que está inserido? Buscando refletir sobre essas questões, neste artigo discutiremos a importância dos jogos no processo de alfabetização de crianças, investigando as concepções de duas professoras que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental sobre esse instrumento de aprendizagem da língua, tão importante para as crianças.

No que se refere ao trabalho com jogos de alfabetização Brandão, Ferreira, Albuquerque e Leal (2009) afirma que:

Na alfabetização eles podem ser poderosos aliados para que os alunos possam refletir sobre o sistema de escrita, sem, necessariamente, serem obrigados a realizar treinos enfadonhos e sem sentido [...] Brincando, elas podem compreender os princípios de funcionamento do sistema alfabético e podem socializar seus saberes com os colegas. ” (BRANDÃO; FERREIRA; ALBUQUERQUE; LEAL, 2009 p. 13-14).

Historicamente, os jogos se caracterizam como objeto cultural, estando inseridos na sociedade em diferentes épocas da vida do indivíduo. O jogo constitui-se como veículo de expressão e socialização das práticas culturais da humanidade e veículo de inserção no mundo, é também uma atividade lúdica em que a criança se engaja num mundo imaginário, regido por regras próprias, que, geralmente são construídas a partir das próprias regras sociais de convivência.

A palavra jogo é original do latim *ludus* que significa diversão e brincadeira, é um recurso capaz de desenvolver nas crianças a aprendizagem de várias habilidades, como por exemplo, noção de equilíbrio, espaço, expressão, socialização e é um importante auxiliar no processo de alfabetização de crianças.

Leontiev (1988) caracteriza a inserção dos jogos no desenvolvimento humano em dois tipos: *jogos de enredo*, geralmente relacionado ao jogo imaginativo que predomina o faz-de-conta e a dramatização (representação da realidade) e *jogos de regras* como o próprio nome já diz a criança está sujeita à obediência de regras estipuladas no jogo, compreendendo que as regras são mutáveis.

Nesta perspectiva, brincando com palavras, sílabas e letras, as crianças têm a oportunidade de compreender o funcionamento do sistema alfabético, podendo socializar seus saberes durante a ação. No entanto, é necessário que o professor perceba que não é apenas jogando que a criança aprenderá todo o conteúdo necessário para a alfabetização. Por seu caráter lúdico e dinâmico o jogo se caracteriza como uma importante ferramenta de aprendizagem da língua. Neste caso, o professor assume o papel de mediador, selecionando recursos para que os alunos possam de fato aprender. Inicialmente, o docente pode fazer um levantamento prévio das brincadeiras que as crianças conhecem, podendo utiliza-las juntamente com outras que irá introduzir, fazendo com que o aluno reflita sobre a língua

sabendo que é capaz de transformá-la. Desse modo, (BRANDÃO; FERREIRA; ALBUQUERQUE; LEAL, 2009) propõe um ensino que permita aos alunos tratar as palavras como objetos com os quais se pode brincar e, de forma menos ritualística, aprender. Garantindo a todos os alunos a oportunidade para ludicamente, atuarem como sujeitos da linguagem, refletindo sobre a língua e seus usos sócias.

Diante do exposto, percebemos a insuficiência do método de ensino pautado na memorização e decodificação/codificação de símbolos linguísticos e ratificamos que é necessária a compreensão do uso social da língua, a questão não é ler e escrever, pois até mesmo com o treinos enfadonhos da linguagem é possível que a criança aprenda a ler e escrever. Mas quando a criança é submetida a situações de ensino em um contexto de sentido, onde ela possa fazer uso da leitura e escrita no seu cotidiano, em atividades diárias como por exemplo, ler um bilhete deixado pela mamãe antes de ir ao trabalho, como também saber transcrever uma receita entendendo como ela se estrutura, dentre outras coisas, são exemplos que nos fazem perceber que o aprendizado da leitura e da escrita precisa permitir que o indivíduo atue de maneira ativa e participativa no meio social.

Para isso, é necessário que os jogos contemplem a análise fonológica das palavras, ou seja, compreender que para escrever é preciso refletir sobre os sons, comparando às semelhanças e diferenças sonoras, a exemplo disso temos: bingo dos sons iniciais, dado sonoro, caça rimas e outros. Além disso, o jogo permite que o aluno reflita sobre o sistema alfabético e suas correspondências grafofônicas entre letra (grafemas) e sons, tal relação é percebida em jogos como: bingo da letra inicial, palavra dentro da palavra, troca letras, etc. Os jogos usados na alfabetização ainda devem sistematizar correspondências grafofônicas de modo a conhecer todas as letras do alfabeto e suas correspondências sonoras tentando escrevê-las corretamente.

Portanto, os jogos usados na alfabetização são indiscutivelmente eficazes para o aprendizado da linguagem desde que haja um direcionamento, ou seja, que tenha seus objetivos pré-estabelecido, propomos que o professor preocupe-se em definir estratégias didáticas levando em consideração as necessidades de aprendizagem dos educandos e suas especificidades, criando intencionalmente situações lúdicas que estimulem certos tipos de aprendizagens.

A preocupação atual é proporcionar um ensino mais lúdico, criativo e prazeroso, sobre isso Leal, Albuquerque e Leite (2005, p. 117) compreende que quando cantamos músicas e cantigas de roda, ou recitamos parlendas, poemas, quadrinhas, ou desafiamos os

colegas com diferentes adivinhações, estamos desenvolvendo com a linguagem de maneira lúdica e prazerosa. Vale ressaltar sobre a importância de manter sempre o equilíbrio entre a função lúdica e educativa, quando se tem objetivos didáticos a alcançar. Sendo assim, os jogos podem ser utilizados de forma dirigida mediado pelo professor a fim de consolidar o que eles já têm aprendido, ou podem ainda ser disponibilizados para os alunos brincarem no recreio de forma autônoma e espontânea possibilitando o ‘aprender brincando’.

Vale ressaltar que o professor precisa identificar as necessidades de aprendizagem que o educando externaliza de acordo com o nível de ensino em que se encontra, para então, escolher os jogos que melhor atendem aos objetivos que se pretende alcançar. Cabe a ele proporcionar aos educando situações de aprendizagem que ativem as potencialidades presentes nos jogos, pois sozinho o aluno não seria capaz de identificar. Deste modo, o educador assume a função mediadora do ensino, contribuindo para uma aprendizagem contextualizada e significativa, diante de jogos que levam o aluno a refletir sobre o sistema de escrita alfabético, a medida com que brinca e interage transformando atividades prazerosas proporcionadas pelos jogos em situações de aprendizagem.

No item a seguir, abordaremos as concepções das professoras sobre jogos de alfabetização e como elas utilizam esses jogos nas suas práticas pedagógicas.

## **II. JOGOS DE ALFABETIZAÇÃO: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE PROFESSORAS**

Inicialmente, os dados foram coletados a partir de entrevista semiestruturada, ou seja, houve um diálogo com as professoras, seguido de respostas a um roteiro preestabelecido, visando obter informações sobre os sujeitos pesquisados, o que caracteriza uma pesquisa exploratória, onde há um a uma aproximação do pesquisador com o caso a ser estudado, em consonância com outras fontes bibliográficas que servirão de base para compreensão do objeto em estudo. Deste modo, o relato de experiência das professoras sobre o objeto de estudo se configura como elemento essencial desse discurso, tendo em vista, serem elas protagonistas do processo de ensino e aprendizagem.

A análise dos dados foi feita a partir de eixos que foram sendo extraídos dos discursos das professoras. Essa análise permitiu perceber o quanto os jogos contribuem de forma significativa no processo de alfabetização, permitindo que as crianças evoluam através da ludicidade. Tal prática de ensino propicia uma aprendizagem onde o aluno possa pensar sobre o que aprendeu e que uso fara disso no meio sociocultural de que faz parte, tais experiências devem ser oferecidas as crianças desde os anos iniciais do ensino fundamental. A

fim de compreender **as concepções e práticas das professoras sobre os jogos de alfabetização** aplicamos um questionário onde foi descrito o perfil das participantes. Logo em seguida, foi dado início a entrevista que abordou quatro questões sobre a temática em estudo. As entrevistas foram realizadas com duas professoras que atuam em escolas da rede municipal de ensino, localizada em Natal e na zona rural do município de Macaíba.

Os critérios para escolha dos sujeitos participantes deram-se pelo fato de termos a oportunidade de vivenciar a prática de ensino que as professoras desenvolvem com jogos pedagógicos em sala de aula, atuando como estagiária na escola em que ambas lecionam. Participamos do trabalho desenvolvido no cotidiano escolar e percebemos os resultados satisfatórios obtidos a partir da prática de ensino utilizada. Isso aguçou o nosso interesse em entender a importância dos jogos na alfabetização das crianças. Por motivos éticos, optamos por resguardar suas identidades e utilizamos nomes fictícios para cada participante da pesquisa.

Na tabela a seguir, descrevemos de forma coletiva os dados construídos a partir do questionário, que caracteriza o perfil das professoras.

**Tabela 1** – Caracterização dos sujeitos da pesquisa

PERGUNTAS	SUJEITOS	
	Prof. <sup>a</sup> Andréia	Prof. <sup>a</sup> Telma
	CARACTERÍSTICA DOS SUJEITOS	
<b>Idade:</b>	40 Anos	36 Anos
<b>Sexo:</b>	F	F
<b>Formação:</b>	Pedagogia	Pedagoga e especialista em alfabetização
<b>Tempo de docência:</b>	22 anos	16 Anos
<b>Cursos de capacitação mais importantes que fez nos últimos 5 (cinco) anos:</b>	PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.	Seminário compartilhando saberes anos iniciais do ensino fundamental, alfabetização, legado para uma educação de qualidade, PNAIC (Programa nacional da alfabetização na

		idade certa), Seminários de inclusão: III seminário Paulo Freire: Diálogos para a vida. Workshop – Dificuldades de aprendizagem e jogos matemáticos como ferramenta pedagógica. O ensino da matemática na perspectiva do letramento, jornada pedagógica: Tecendo caminhos: Repensando metodologias.
--	--	---

Fonte: Questionário aplicado com os sujeitos da pesquisa.

Partindo dos resultados obtidos com o questionário, é possível fazer uma breve descrição das características individuais de cada professora de acordo com a tabela acima.

A professora **Andréia** possui graduação em pedagogia, com 22 anos de docência na rede pública de ensino. Participa atualmente do curso de formação do PNAIC - *Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade certa*, oferecido pela Secretaria Municipal de Educação - SME de Natal. No momento atual, leciona em uma turma de 1º ano, ou seja, trabalha com crianças na faixa de idade entre 6 a 7 anos.

A professora **Telma** é graduada em Pedagogia e possui Especialização em Alfabetização, com 16 anos de atuação em docência. Recentemente participou de vários cursos de formação continuada, sendo estes: o Seminário compartilhando saberes anos iniciais do ensino fundamental, alfabetização, legado para uma educação de qualidade, PNAIC (Programa nacional da alfabetização na idade certa), Seminários de inclusão: III seminário Paulo Freire: Diálogos para a vida. Workshop – Dificuldades de aprendizagem e jogos matemáticos como ferramenta pedagógica. O ensino da matemática na perspectiva do letramento, jornada pedagógica: Tecendo caminhos: Repensando metodologias.

Mediante as observações dos perfis supracitados, verificamos que estamos diante de professoras que possuem formação específica em educação e, mais especificamente voltada para a alfabetização de crianças. É importante enfatizar que ambas têm um vasto tempo de atuação em docência, o que significa que ambas vivenciaram diferentes transformações no campo educacional o que enriquece a nossa análise. Além disso, notamos que uma das

professoras (Telma) dispõe de vários cursos de formação continuada, aparentando que está constantemente em busca de conhecimento para melhor atuação profissional.

Com a leitura e síntese das falas das educadoras, foram definidos 4 (quatro) **eixos** de análise que contemplam as concepções que as profissionais têm sobre os jogos de alfabetização, são eles: o **conceito de alfabetização**; **conceito de letramento**; **jogos de alfabetização e sua contribuição para aprendizagem da língua pela criança**; **situações didáticas com jogos de alfabetização**.

Para compreender como trabalhar com jogos o processo de alfabetização é imprescindível que o professor tenha clareza sobre o conceito de alfabetização. A partir disto, perguntamos: **o que você entende por alfabetização?** As professoras responderam que:

**Andréia:** *Alfabetização é um período que a criança passa, no qual a característica é a aquisição da leitura e da escrita. Antigamente as escolas acreditavam que estavam alfabetizando as crianças apenas nas séries da alfabetização que era chamada também de preliminar, mas com os avanços dos estudos na área descobriu-se que essa construção da escrita e da leitura não acontece em um ano só, no município esse período é de dois a três anos, a alfabetização é o aprender a ler e a escrever.*

**Telma:** *Em minha visão a alfabetização é o que propicia o indivíduo apropriar-se dos códigos de leitura e escrita, ou seja, o ato de ler e escrever cognitivamente, tendo por base o sistema de escrita alfabética, e a partir desse desenvolvimento o indivíduo passa a conhecer e dá sentido aos códigos de escrita desenvolvendo assim a leitura.*

Nesse primeiro eixo, que aborda o conceito de alfabetização, percebemos que as professoras apresentam concepções semelhantes. A professora **Andréia** compreende a alfabetização como um período em que a criança aprende a ler e a escrever, já a professora **Telma** atribui ao termo um sentido mais amplo, apropriação do sistema de escrita alfabética que resulta na leitura. É importante destacar na fala de **Andréia** o fato de perceber a alfabetização como um processo “*essa construção da escrita e da leitura não acontece em um ano só, no município esse período é de dois a três anos*”. Essa compreensão sobre o conceito



é muito importante porque permite ao professor enxergar a aprendizagem da leitura e da escrita como um movimento contínuo de construção de conhecimento. A professora **Telma** também apresenta uma posição importante à medida que relaciona à alfabetização a produção de sentidos sobre a escrita “*o indivíduo passa a conhecer e dá sentido aos códigos de escrita.*”

No entanto, apesar de destacarem aspectos importantes sobre o conceito de alfabetização, as referidas professoras não fazem menção às dimensões mais específicas desse processo. Vieira e Lopes (2012, p. 3) compreendem a alfabetização como:

Um processo específico de apropriação do sistema de escrita que envolve duas dimensões indissociáveis: Apropriação do sistema de escrita alfabético – compreensão, pelo aprendiz, de como “funciona” a apresentação alfabética, da relação escrita/língua oral; Desenvolvimento de habilidades de produção (escrita) e compreensão (leitura) de textos escritos de diversos gêneros.

De fato, dizemos que o indivíduo está alfabetizado quando adquire as habilidades de leitura e escrita, ou seja, consegue ler e escrever, no entanto, estudiosos do assunto consideram que a alfabetização deve ser entendida como algo que vai além do ato de ler e escrever.

A esse respeito Lopes e Vieira (2012, p.7) afirmam que:

O conceito de alfabetização transcende a mecânica do ler e do escrever (codificação/ decodificação), ou seja, a alfabetização é um processo multifacetado, que envolve a natureza da língua escrita. Alfabetizar não é só ensinar a ler, escrever e falar. Envolve o compartilhamento de uma prática cultural e comunicativa, que se faz em meio a uma política cultural determinada e envolve o desenvolvimento do letramento.

Entendemos com isso que a compreensão da base alfabética deve abranger diferentes contextos e circunstâncias de uso, permitindo que o educando possa analisar, criticar e avaliar diferentes situações do cotidiano onde a linguagem é usada nas práticas sociais e na interação humana.

Desta forma, ler e escrever vão muito além da codificação e decifração de códigos linguísticos, visto que exigem produção e compreensão de textos e seus usos sociais. A

criança precisa construir conhecimento sobre o que está escrevendo e lendo e isso só é possível quando são submetidas às diferentes situações de escrita e leitura presentes em atividades do cotidiano. A escola pode fazer uso dos mais diversos gêneros textuais que a criança vivencia para trabalhar a leitura e a escrita de forma significativa em sala de aula.

Portanto, a alfabetização caracteriza-se pela apropriação do sistema de escrita alfabético, bem como o desenvolvimento de habilidades de produção e compreensão de diferentes textos em circulação. Para apropriação da base alfabética, a criança precisa compreender alguns princípios sobre o funcionamento da escrita alfabética, tais como: a direção horizontal predominante da escrita sendo da esquerda para direita, reconhecer letras e valores sonoros, regras ortográficas, sílabas, a relação existente entre grafema e fonema, dentre outros aspectos. A aquisição dessas e outras habilidades que regem o sistema alfabético permitirá que a criança saiba como se escreve e para que finalidade utilizamos a escrita. Ao compreender a conversão dos grafemas em fonemas a criança consegue ler, no entanto, a leitura não envolve apenas decodificação e sim compreensão de textos, o aluno precisa entender para que está lendo, ou seja, é necessário que haja uma interação entre o leitor e o texto escrito. De acordo com Lopes e Vieira (2012, p. 05) “aprender a ler é um processo de apropriação de conhecimento diversos envolvidos no ato de ler relativos à decodificação e compreensão. Ser leitor é ser produtor de significados e sentidos a partir de textos escritos.” Cabe a escola oportunizar situações de aprendizado onde a criança seja submetida a fazer uso de diferentes textos reconhecendo as funções de diversos gêneros textuais, compreendendo seu funcionamento na sociedade e na relação com os indivíduos. Sendo assim, a alfabetização é um processo cultural que envolve a compreensão e produção de textos escritos.

O trabalho com jogos de alfabetização requer também que os professores conheçam e trabalhem a alfabetização numa perspectiva de letramento. Nesse sentido, analisaremos no **segundo eixo** a **concepção de letramento** presente na fala das professoras entrevistadas. A esse respeito perguntamos: o que você entende por letramento? Obtivemos as seguintes respostas:

**Andréia:** *O letramento é, após essa fase em que a criança vai aprender a ler e a escrever. O letramento se concretiza quando a gente percebe que a criança compreende essa leitura e escrita e também utilizasse dessa leitura no seu mundo social, ou seja, ela consegue ler não só o que é proposto em sala de aula mas ela faz a leitura do mundo que está à sua volta, ela passa a perceber que a*

*leitura não está apenas nos livrinhos da escola, no material escolar, nos cartazes presentes em sala de aula, a leitura está no mundo e quando ela consegue associar e perceber que o mundo é letrado, que o mundo é cheio letras de palavras que ela consegue ler, porque se ela consegue ler em sala de aula ela também consegue ler no mundo, no ônibus, placas, lojas e supermercados ai sim a criança está letrada. Então, na realidade, o letramento é fazer o uso da sua alfabetização, depois de aprender a ler e a escrever perceber que o mundo pode ser lido.*

**Telma:** *Letramento é usar socialmente as funcionalidades dos códigos de leitura e escrita para compreensão do mundo, ou seja, é a apropriação do ler e escrever, dando sentido e significado a vida cotidiana. Sendo assim, um ser letrado é um ser que usa os códigos de leitura e escrita em funcionalidade na sua vida social.*

Percebemos que no discurso das professoras, elas compreendem o letramento como sendo o uso da leitura e escrita nas práticas sociais do cotidiano que cada criança vivencia. De acordo com Soares (2003) “o letramento, relaciona-se ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita. alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas interligadas.” Partindo dessa concepção de letramento em que está atrelada a alfabetização sendo ambas indissociáveis, vemos que a professora **Andréia** comete um equívoco ao afirmar que “*O letramento é, após essa fase em que a criança vai aprender a ler e a escrever,[...]*”. Em sua fala, a mesma expõe claramente que o letramento acontece depois da alfabetização. Deixa explícita a ideia de que primeiro a criança aprende a ler e a escrever, e depois é que fará uso da leitura e escrita em práticas sociais. Essa concepção está equivocada, pois a alfabetização não precede o letramento porque ambos podem ser trabalhados simultaneamente. Como explicam Lopes e Vieira (2012, p. 10),

A alfabetização não precede o letramento porque os dois processos podem ser ensinados como simultâneos. Todavia, os dois termos, embora designem processos independentes, indissociáveis e simultâneos, são processos de natureza diferente, uma vez que envolvem habilidades e competências específicas, implicando, com isso, formas diferenciadas de aprendizagem.

Embora haja esse equívoco na fala da professora **Andréia**, observamos que sua visão de letramento condiz com a ideia de usar socialmente as habilidades de leitura e escrita. Assim como foi dito de forma clara e objetiva pela professora **Telma**, onde a mesma enfatiza que o “*Letramento é usar socialmente as funcionalidades dos códigos de leitura e escrita para compreensão do mundo, ou seja, é a apropriação do ler e escrever, dando sentido e significado à vida cotidiana. [...] Nessa perspectiva o letramento não substitui a alfabetização, nem tão pouco acontece após a alfabetização, mas estão associados.*

Diante disso, as práticas de ensino da língua passam a ser repensadas, de modo a favorecer um aprendizado significativo. As pesquisas atuais sobre alfabetização remetem ao conceito de alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a base alfabética da escrita, aliada aos processos culturais de uso da leitura e da escrita. Uma dessas pesquisas é de Santos e Albuquerque, que afirmam:

Alfabetizar letrando é, portanto, oportunizar situações de aprendizagem da língua escrita nas quais o aprendiz tenha acesso aos textos e a situações sociais de uso deles, mas que seja levado a construir a compreensão acerca do funcionamento do sistema de escrita alfabético. (SANTOS E ALBUQUERQUE 2007, p. 98)

Educadores e profissionais da área buscam estratégias que possam de fato, vivenciar essa nova proposta de ensino em sala de aula. A escola agora assume o papel de garantir diferentes oportunidades de análise e reflexão do sistema de escrita alfabética de forma contextualizada a fim de formar sujeitos críticos, capazes de compreender o mundo. Quanto ao papel da escola, Lopes e Vieira (2012) ratificam que “cabe à escola oportunizar essa interação, criando atividades em que as crianças sejam convidadas a ler e produzir diferentes textos.” Deste modo, a criança precisa ser estimulada a pensar sobre o mundo ao seu redor, falar, ouvir, ser ouvida, ser desafiada para que possa ler e escrever diferentes textos.

A fim de propiciar situações de aprendizagens favoráveis para a construção de novos conhecimentos, é preciso pensar em recursos que visem à aproximação da criança com o real para que ela possa confrontar o real e o imaginário. Para tanto, vemos na ludicidade a porta de entrada para o conhecimento, pois é uma forma da criança relacionar-se com o mundo através da brincadeira, imaginação e fantasia. Brincando ela pode entender o sistema de escrita alfabético, construindo momentos prazerosos de utilização da leitura nas práticas sociais.

Nesse processo, o professor atua como mediador, oportunizando situações de aprendizagem da língua que os levem a apropriar-se do sistema de escrita alfabético, desenvolvendo a autonomia e a capacidade da criança de fazer uso da leitura nos mais diversos tipos de materiais presentes na sociedade. Pensando nesses recursos que visam auxiliar no processo de alfabetização, escolhemos uma alternativa didática, muito utilizada no espaço da sala de aula: O jogo, que é um recurso muito utilizado em sala de aula no processo de ensino e aprendizagem da linguagem escrita. Jogando, a criança tem a oportunidade de representar a realidade, assimilar conteúdos e transformar seu pensamento. Acreditamos que brincando, elas podem aprender diversas habilidades relacionadas à leitura e escrita dos mais diversos gêneros textuais. Nessa perspectiva, partimos para o **terceiro eixo** de análise que busca entender **os jogos de alfabetização** e suas **contribuições para aprendizagem da língua pela criança**. Dessa forma, perguntamos para as entrevistadas: **Porque você trabalha com jogos de alfabetização? Como os jogos contribuem para aprendizagem da leitura e escrita das crianças?** Diante de tal questionamento, as respostas foram:

**Andréia:** *Porque o jogo é prazeroso, ele possibilita que exista uma troca maior, vai socializar as crianças que vão se interessar por determinado jogo, vão participar, e vão brincar juntas e aprender juntas, o jogo traz muito prazer e é uma forma diferente de se alfabetizar. Como os jogos contribuem para a aprendizagem? na realidade o jogo tem um objetivo que precisa ser alcançado, e se estamos trabalhando com jogos de alfabetização, são jogos com letrinhas para a formação de palavras, com sílabas vai colaborar para este avanço porque este jogo está mostrando pra ela quais são as possibilidades que ela pode usar para construir letras, palavras, sílabas, então o jogo é lúdico, como eu disse anteriormente ele é mais estimulante, porque possibilita o trabalho coletivo, eles se interessam mais para brincar por isso avançam mais.*

**Telma:** *Com relação a isso quero ressaltar um pensamento de Carlos Drummond, onde ele fala que brincar não é perda de tempo, não é perder tempo e sim ganhar. Então é nessa perspectiva que eu abordo essa questão da importância do brincar e do jogo como aprendizagem escolar. Isso é fundamental importância para a criança, o jogo é tão importante quanto à tarefa escolar.*

Com base na fala da professora **Andréia** é possível perceber que a mesma dá ênfase ao trabalho com o jogo, mencionando que é algo “prazeroso”, acreditando que esse prazer

resulta numa melhor interação entre os participantes. Ela deixa claro que usa o jogo como um recurso para diversificar sua prática pedagógica na alfabetização. De fato, as práticas pedagógicas que articulam o jogo com a aprendizagem da língua proporcionam à criança a compreender a linguagem de forma lúdica e prazerosa. Essa vem sendo uma das preocupações atuais no que se refere ao ensino e aprendizagem, proporcionar ao educando um ensino mais lúdico e criativo, e o jogo vem se tornando cada vez mais um importante auxiliar nas práticas de alfabetização e letramento.

De acordo com Leal, Borges e Morais (2006, p.70):

O brincar com a língua faz parte das atividades sociais que a criança realiza quando canta cantigas de roda, recita poemas, quadrinhas e adivinhações, quando lê contos de fadas, faz palavras cruzadas ou brinca de adedonha. Essas atividades lúdicas que envolvem a formação de palavras permitem à criança o entendimento do sistema de escrita alfabético, ao mesmo tempo, que se constituem em momentos prazerosos de utilização da leitura, escrita e oralidade nas práticas sociais.

Sobre as contribuições dos jogos para a aprendizagem, a professora **Andréia** compreende que os mesmos precisam ser trabalhados de modo a atingir um objetivo pré-estabelecido, quando se trata da alfabetização. O objetivo a ser alcançado deve estar relacionado à formação de sílabas e palavras, conhecimentos das letras. Isso deixa claro que a professora articula os jogos ao trabalho de alfabetização com as crianças e utiliza o jogo como um instrumento que une alfabetização e letramento.

Vale salientar que os jogos não potencializam um saber pronto e acabado. Um jogo pode provocar inúmeras oportunidades de conhecimento na criança, desde que o professor aja como mediador, provocando situações de desafio e de aprendizado entre o aluno e o recurso disponibilizado. Sendo assim, no processo de alfabetização ao invés da criança treinar as palavras de forma enfadonha e cansativa, ela é levada a perceber que se pode brincar com as palavras, sendo impulsionada a aprender de uma forma menos ritualística e tradicional.

Em relação ao trabalho desenvolvido com jogos em sala de aula pela professora **Telma**, ela afirma que “*o jogo é tão importante quanto à tarefa escolar*”. Esse comentário nos remete a ideia que tal recurso não deve ser utilizado como mero complemento da aula, onde a criança brinca para fixar o conteúdo anteriormente estudado, mas o jogo pode ser compreendido como parte da aula e como parte de aprendizado do ler e do escrever. O jogo

deve ser um elemento permanente da rotina escolar, podendo estar presente em vários espaços de conhecimento da sala de aula, como por exemplo, no faz-de-conta, nas cantigas de roda, nas brincadeiras com o som inicial ou final das palavras, explorando os cartões da chamada, percebendo diferenças e semelhanças na escrita do nome, entrega da agenda de cada um pelo ajudante do dia, dentre outras coisas. Essas situações que acontecem em sala de aula levam as crianças a participar, pensar, falar, fazer inferências e verificações, dessa forma, elas vão aprendendo aspectos essenciais da escrita, experimentando e construindo a linguagem em um contexto significativo.

Partindo do princípio de que brincando a criança pode compreender os princípios de funcionamento do sistema de escrita alfabético e refletir sobre ele, fomos motivadas a conhecer algumas situações didáticas onde os jogos de alfabetização são trabalhados. Para isso, pedimos para as entrevistadas citarem **duas situações de sua prática em que trabalham com jogos de alfabetização**. Neste **eixo**, analisamos as situações didáticas com jogos de alfabetização relatadas pelas professoras. Sobre tal questão obtivemos as seguintes respostas:

**Andréia:** *Gosto muito de trabalhar com letras móveis, formação de palavras a partir de imagem, então assim, eles tem um número de letras que precisam usar para formar palavra, tem as letras soltas que são as letras móveis. É um jogo que desafia muito principalmente as crianças que estão no nível silábico alfabético para o alfabético, porque elas conseguem mais às vezes omitem alguma letra e a partir do momento que tem aquele quadrinho dizendo o número de letra elas precisam pensar repensar pra ver qual é a letra que está faltando para escrita ortográfica da palavra. Outro jogo que gosto muito de brincar com eles é o bingo, a gente trabalha com bingo, com o nome dos colegas, nome dos brinquedos, com o nome de alimentos preferidos podemos pegar outros conteúdos e levar para o bingo, listamos as palavras no quadro, eles copiam e depois dessa escrita que eles escolheram cinco ou seis palavras, cada um preenchendo sua própria cartela, ai sim começamos a chamar e eles procuram as palavras que escreveram na cartela, é um jogo muito legal e eles gostam bastante.*

**Telma:** *Eu gosto muito de utilizar com os alunos a brincadeira que na realidade é um jogo da barca fonológica, essa brincadeira tem o objetivo de trabalhar os sons iniciais das palavras no sentido de levar os alunos a perceberem que com o mesmo som podemos formar novas palavras. Forma-se um círculo, constrói um barquinho de papel e*

*entrega para os alunos, o barquinho vai passando enquanto cantam uma música, quando a música para a professora diz uma palavra o aluno que está com o barquinho na mão deve falar outra palavra que comece com o mesmo som e assim por diante. Após a brincadeira é possível fazer outras atividades, como o registro das palavras ditas, um auto ditado, questionar os alunos sobre que palavras foram citadas. Outra brincadeira que costumo realizar com os alunos é o caça letras que são as letras necessárias para formação de palavras, esse jogo permite que os alunos busquem as letras que desejam para formar as palavras.”*

Os jogos citados pelas professoras preocupam-se em trabalhar a aquisição do sistema de escrita alfabético e a formação de palavras, são eles o alfabeto móvel e o bingo temático trabalhados nas aulas da professora **Andréia**. A professora **Telma** relata que utiliza os jogos da barca fonológica e o caça palavras. Ambas utilizam os jogos com objetivos semelhantes possibilitar o aprendizado do sistema alfabético de uma forma mais dinâmica e motivadora.

Estudiosos falam sobre a importância do uso de alfabetos móveis na prática pedagógica. Segundo Brandão; Ferreira; Albuquerque e Leal (2009), tal recurso permite que montem a forma escrita das palavras que estão analisando e comparando, selecionando as letras já disponíveis, decidindo como ordená-las etc. Neste caso, é necessário que o professor crie desafios que tornem o jogo mais atraente, realize intervenções, mediando no que for possível. O jogo do bingo também se configura como uma estratégia eficaz na alfabetização, principalmente quando está relacionado aos temas que fazem parte do dia-a-dia da criança. A esse respeito propôs a professora **Andréia** “*com o nome dos colegas, nome dos brinquedos, com o nome de alimentos preferidos*” Atividades como esta tornam o aprendizado mais significativo. Algo que chama a atenção na fala da professora **Telma** é que após brincar com seus alunos com o jogo da barca fonológica e de caça letras, ela propõe para a turma várias atividades sobre o jogo “*Após a brincadeira é possível fazer outras atividades, como o registro das palavras ditas, um auto ditado, questionar os alunos sobre que palavras foram citadas.*” De acordo com Brandão; Ferreira; Albuquerque e Leal (2009), “é importante que o professor, sempre que possível, faça atividades complementares (não muito alongadas), em que os alunos possam ver a forma escrita de algumas palavras sobre as quais estiveram refletindo.”

Analisando as respostas referentes a este último eixo, observamos que as professoras compreendem que os jogos de alfabetização são importantes e que contribuem para que o



professor desenvolva uma prática de sucesso na alfabetização das crianças. Cabe ao professor possibilitar oportunidades de aprendizagem efetiva, respeitando as especificidades de cada educando, incentivando suas potencialidades, para que ele construa seu conhecimento sobre a escrita e a leitura através dos jogos.

De acordo com os eixos de análise que aqui abordados compreendemos que os jogos de alfabetização são ferramentas eficazes no processo de aquisição da base alfabética. Com a prática dos jogos em sala de aula, o professor pode explorar diversas áreas do conhecimento, tais como linguagem, interpretação, equilíbrio, noções de espaços, formas, tamanhos, quantidade e outros. Explorar esses conhecimentos através dos jogos permite que o educando vivencie o real, percebendo que os jogos incorporam atitudes e características que representam a realidade.

Como atividade cultural, os jogos pedagógicos foram ganhando espaço no processo de ensino e aprendizagem e na construção da identidade dos indivíduos, estando presentes em diferentes épocas da vida das pessoas. Em idade escolar onde a criança começa a perceber os sinais gráficos, letras, números, os jogos passam a ter outros objetivos. Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental percebemos que a prática pedagógica com jogos é constante, tendo em vista, as inúmeras possibilidades de aprendizagem que a criança pode adquirir. São os jogos que motivam o aprendizado através da brincadeira de reconhecimento de números, letras, sílabas, sons iniciais e finais, rimas, isso de uma forma lúdica e prazerosa, onde a criança não precisa ser submetida a uma aprendizagem enfadonha, ritualista e sem sentido.

Alguns jogos precisam da intervenção do educador, sendo necessário que o mesmo estimule e ative as potencialidades que muitas vezes o aluno não consegue desenvolver sozinho. Deste modo, é imprescindível ter o pleno conhecimento dos recursos a serem trabalhados na sala de aula e planejar o trabalho com jogos, identificando os objetivos a serem alcançados a fim de que os alunos aprendam de fato.

Existe uma diversidade de jogos pedagógicos que podem ser trabalhados em sala de aula, mais precisamente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, no que se refere ao aprendizado do sistema alfabético. Brandão; Ferreira; Albuquerque e Leal (2009) apresentam uma variedade de jogos, que transformam a língua num objeto de reflexão. A criança aprende não só a palavra e sua escrita mais é capaz de pensar e refletir sobre ela, ampliando a capacidade de lidar com a linguagem. Desta forma, o aluno terá a oportunidade de atuar como sujeito da linguagem, explorando diferentes gêneros textuais presentes no cotidiano.

Portanto, os jogos são materiais pedagógicos capazes de tornar o aprendizado mais dinâmico, lúdico e atrativo para a criança. Para isso, é necessário que o professor tenha consciência dos objetivos que pretende alcançar e trabalhe com jogos que estão de acordo com os níveis de aprendizado das crianças.

Compreender as diferentes formas como a linguagem oral pode ser segmentada em sílabas, fonemas, palavras é insuficiente para que a criança se alfabetize. Com os jogos de alfabetização, ao mesmo tempo em que brincam, se divertem, observando o funcionamento das palavras, analisando a escrita alfabética e refletindo sobre ela.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A prática pedagógica com jogos de alfabetização permite que a criança compreenda a base alfabética da escrita de forma lúdica, dinâmica e prazerosa. Neste caso, o professor é o responsável por fazer a mediação dessas atividades, transformando os jogos em situações de aprendizagem, a fim de formar a capacidade de reflexão sobre a língua, e não apenas de memorização de correspondências grafofônicas.

O trabalho de Lopes e Vieira (2012) trouxe uma proposta de alfabetização que vai além do ler e escrever, mas requer a leitura (como decodificação e compreensão) e escrita (como codificação e produção de textos). Segundo as autoras citadas, não basta só aprender a ler e escrever, mas saber qual a função social da leitura e escrita. A preocupação é com a formação do indivíduo ativo e participativo no meio social, capaz de pensar e refletir sobre a linguagem. Para isso, propõem que a escola alfabetize letrando, ou seja, trabalhe com a base alfabética da língua, atrelada às práticas sociais de uso dessa língua. Diante disso, os jogos surgem como importante auxiliar no processo de alfabetização, pois desenvolvem diversas potencialidades na criança, tanto educacionais relacionadas à aquisição da leitura e escrita, quanto na formação humana, pois trata-se de um recurso cultural presente em diferentes etapas da vida das pessoas.

Nossas reflexões ao longo desse estudo nos fizeram perceber que autores como Brandão; Ferreira; Albuquerque e Leal (2009) trouxeram uma valiosa contribuição para a compreensão da importância de se trabalhar com jogos na prática alfabetizadora. A principal contribuição das autoras citadas é o entendimento de que os jogos de alfabetização desenvolvem diversas potencialidades que contribuem para formação educativa e humana das

crianças, assim como permitem a compreensão dos princípios de funcionamento do sistema alfabético.

A análise dos dados nos revela que as professoras participantes da pesquisa consideram relevantes os jogos no processo de alfabetização, pois diante de seus relatos percebemos que tal prática educativa se faz presente no cotidiano da sala de aula, não sendo apenas mais uma atividade que tende a suprir o tempo ansioso, ou venha apenas servir como um complemento da aula, mas se apresenta como uma atividade planejada com objetivos preestabelecidos a serem alcançados.

De acordo com os eixos analisados durante o estudo, percebemos que tanto nas concepções, quanto nas práticas pedagógicas das professoras, o jogo é compreendido como recurso importante que proporciona aprendizagens mais prazerosas em relação ao reconhecimento das sílabas e palavras e que leva a criança a pensar sobre o uso social da linguagem, desenvolvendo conhecimentos sobre leitura e escrita numa perspectiva de letramento.

A investigação feita com as professoras foi de extrema importância, pois a observação “*in loco*” nos mostrou o quanto situações de aprendizado onde os jogos são inseridos tem resultados positivos na alfabetização, tornando o ensino facilitador e dinâmico.

Dessa forma, podemos concluir que a prática educativa baseada nos jogos de alfabetização é imprescindível para apropriação do sistema alfabético, mediante as possibilidades de aprendizado que a criança vivencia pois, enquanto ela se diverte, interage com os colegas, compreende a escrita e sua funcionalidade, por isso, é fundamental que o professor busque estratégias de ensino que explore os jogos, ajudando o aluno a pensar e refletir sobre os princípios que regem o sistema alfabético de escrita.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Eliana Borges C. de; LEAL, Telma Ferraz. (Orgs.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 89-110.
- GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LEAL, Telma Ferraz. BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi Alves. FERREIRA, Andréia Tereza Brito. ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Jogos de alfabetização**. Editora Universitária UFPE, Recife, 2009.
- LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges; MORAIS, Artur Gomes. Letramento e alfabetização: pensando a prática pedagógica. in: **Ensino Fundamental de Nove Anos: Orientações para inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, p. 69-83.
- LEONTIEV, A. Os princípios psicológicos da brincadeira pré- escolar. In VIGOTSKI, L.; LURIA, A; LEONTIEV, A. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone; Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- LOPES, Denise Maria de Carvalho; VIEIRA, Giane Bezerra. Linguagem, Alfabetização e Letramento: o trabalho pedagógico nos três primeiros Anos do Ensino Fundamental e as especificidades da criança. In Ministério da Educação. UFRN; Continuum – Programa de Formação Continuada do Professor para a Educação Básica. Curso de Aperfeiçoamento Infância e Ensino Fundamental de nove anos. Módulo iii - linguagem, alfabetização e letramento. Natal: UFRN/Continuum, 2012.
- MORAIS, Arthur Gomes de, ALBUQUERQUE, Eliana Borges C. de, LEAL, Telma Ferraz. **Alfabetização: apropriação do sistema alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. P. 111 - 131.
- SANTOS, Carmi Ferraz, MENDONÇA, Márcia. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. 1ed. Belo Horizonte: autêntica, 2007.
- SANTOS, Carmi Ferraz. ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Alfabetizar letrando**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.95-109.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6ª ed., São Paulo: Contexto, 2011.
- SOARES, Magda. **Letramento e Alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação, n. 25, Jan/2003. p. 5 -17.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

## APÊNDICES



Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Centro de Educação  
Departamento de  
Professora Dra. Giane Bezerra Vieira

---

Prezado (a) professora (o),

Para sistematização do meu trabalho de conclusão de curso, preciso de sua colaboração, respondendo o presente questionário.

Sua participação será de grande importância, pois me dará os subsídios necessários para a realização dessa pesquisa, que tem como tema: **JOGOS DE ALFABETIZAÇÃO: Concepções de Professoras dos anos iniciais do ensino fundamental**. Sua contribuição fará a ciência avançar nessa área de conhecimento, desde já agradeço.

Concluinte: Vanessa de Sales Jacinto.

Questionário para professoras (o):

1- Nome completo: \_\_\_\_\_

1.1 Nome da escola: \_\_\_\_\_

1.2 Idade: \_\_\_\_\_

2 - Formação:

1.1 Tempo de docência: \_\_\_\_\_

1.2 Cursos de capacitação mais importantes que fez nos últimos 5 anos: \_\_\_\_\_

---

Questões para entrevista com os professores:

1. O que você entende por alfabetização?
2. O que você entende por letramento?
3. Porque você trabalha com jogos de alfabetização? Como os jogos contribuem para a aprendizagem da leitura e escrita das crianças?
4. Cite duas situações de sua prática em que você trabalha com jogos de alfabetização.